



"NADA QUE DIGO DE TI, QUE EM TI NÃO VEJA": A VOZ CONTRACOLONIAL DE VITÓRIA

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

OLIVEIRA; Silvana Kelly Gomes de ¹

RESUMO

A visão contracolonial foi citada por Antônio Bispo dos Santos, em *A terra dá, a terra quer* (2023), como um modo de vida que rasura os sistemas do colonialismo, trazendo um antídoto para ele próprio. Tal visão pode estar associada aos modos de vida indígenas, quilombolas, banto, iorubá. Sendo assim, meu artigo se propõe a ler a personagem Vitória, presente no romance *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020), de Eliana Alves Cruz, cuja história é repleta de confluências estruturais, históricas, raciais, culturais, que inter cruzam as vozes do colonialismo do século XVIII, em Minas Gerais, e a voz de Vitória, que se faz potente, transgressora e temida, ao passo que demarca sua sexualidade, gênero, raça e religiosidade. Em meio a essas subjetividades, os modos de vida dessa mulher travesti atravessa suas relações com outros seres compartilhantes - negros escravizados submetidos às múltiplas violências do período escravocrata -, gerando uma contracolonização como resistência, uma vez que a imposição da hegemonia cristã tenta apagar qualquer expressividade que passe ao largo do padrão branco, heteronormativo, europeu, cristão. Desse modo, me basearei em noções da performance da voz como resgate da ancestralidade, discussão presente em Leda Maria Martins (2021), relacionando-as à contrassexualidade proposta por Paul B. Preciado (2014). Ainda, discutirei a narrativa de Eliana Alves Cruz à luz das confluências linguísticas como um enredo de construção contracolonial, bem como o desenho feito dos personagens de ancestralidade africana em sua necessidade comunitária de ganhar força, também entre entidades. Isto é, este artigo será uma tentativa de estabelecer uma leitura mais horizontal de uma obra literária que faz dialogar o discurso do colonialismo dos portugueses - aquele performado por quem realmente deveria se sentir culpado pela barbárie causada aos colonizados, como diria Aimé Césaire (1978) - e o discurso contracolonial da protagonista Vitória.

PALAVRAS-CHAVE: Vitória, Eliana Alves Cruz, Contracolonização, Confluências literárias, Seres compartilhantes

¹ Universidade Estadual da Paraíba, silvannakoliveira@gmail.com